



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

V

**Discurso do Senhor Presidente da
República, Itamar Franco, por ocasião da
cerimônia de inauguração da Unidade de
Destilação Atmosférica U-50.
Rio Grande do Sul, 26 de fevereiro
de 1994.**

Senhor Governador do Estado do Rio Grande do Sul —
Alceu Collares,
Senhor Embaixador da Itália — Paolo Taroni,
Senhores Ministros de Estado,
Senhor Vice-Governador do Estado do Rio Grande do
Sul — João Gilberto Lucas Coelho,
Senhores Senadores Pedro Simon — Líder do Governo
no Senado, e José Fogaça,
Senhores Deputados Federais,
Senhores Comandantes Militares,
Senhores Deputados Estaduais,
Senhor Prefeito em Exercício de Canoas,
Senhor Presidente da Petrobrás e Membros da Diretoria,
Senhores Vereadores,
Senhores Jornalistas
Senhores Técnicos e Funcionários da Petrobrás,
Senhoras e Senhores,
Moços e Moças,

Começo por render o meu preito de admiração pela
personalidade política e moral de Alberto Pasqualini, que dá
seu nome a esta refinaria, ampliada durante o meu Governo.
Já se tornou aborrecedora a constatação de que o Brasil
empobreceu em sua inteligência política e na sua grandeza de

seus homens públicos, nos últimos decênios. Não concordo plenamente com a afirmação, mas, ao recordar o saber, a moderação, a fé no Brasil, que construíam Alberto Pasqualini, vejo como essas virtudes se tornam escassas no Brasil de nossos dias.

É certo que há entre nós, no Parlamento e no Poder Executivo, homens que ainda as portam, mas o seu exercício vem sendo tolhido pelas deformações da atividade política. Homens como Pasqualini querem o poder para distribuí-lo, querem-no para promover a justiça, e o querem para avançar sobre o horizonte do tempo, em busca da prosperidade de todos. Eles são poucos e, graças ao seu patriotismo, a Nação vem vencendo as dificuldades. Em contraponto, sobram os que só pensam nas ilusórias pompas do poder, supondo que se esquivarão das angústias que a responsabilidade política impõe.

Não temos divulgado, como deveríamos fazer, o que conseguimos construir, nesses meses de presença na Chefia do Estado e do Governo. Foi muito pouco, diante do que temos que fazer e diante do que desejávamos. Mas há alguns números, que mesmo os nossos mais irados adversários políticos são obrigados a reconhecer. As nossas reservas cambiais são hoje onze vezes maiores do que as deixadas pelo meu antecessor. Houve aumento real na massa dos salários, embora ainda muito pequeno. Conseguimos realizar algumas obras públicas, e autorizamos investimentos das empresas estatais, sempre que se demonstraram inadiáveis, como é o caso da ampliação da Refinaria Alberto Pasqualini. Tenho a convicção de que providências que tomamos, ou iniciativas a que demos o apoio e os recursos públicos possíveis, ajudaram a salvar vidas e a restaurar a esperança entre os mais abandonados de nossos compatriotas. Mais de dois milhões

de famílias receberam cestas básicas nas regiões castigadas pela seca. Não me agrada o assistencialismo, mas tampouco podem os que têm fome esperar pelas reformas sociais que lhes dêem a mesma oportunidade de crescer atribuída aos outros pelas circunstâncias do nascimento. De que adianta, por exemplo, abrir escolas, se a elas faltar merenda? O que pode aprender uma criança faminta?

Estamos nas vésperas de providências governamentais decisivas, a fim de debelar a inflação. Pela primeira vez, na história deste País, um plano econômico e financeiro é discutido amplamente pela imprensa e pelo Parlamento. Este plano, por mais inteligente e mais sensato que seja, e por maior aprovação tenha recebido do Congresso Nacional e da sociedade, só poderá ter êxito se contar com a contribuição ativa de todos os brasileiros. Para vencer a chamada «cultura da inflação». É necessário que os brasileiros se disponham a alguns sacrifícios menores, administrando com austeridade o seu consumo, sobretudo nas primeiras semanas de vigência das medidas que venham a ser adotadas, e recusando compactuar com os especuladores e com os que remarcam abusivamente os seus preços. É preciso dizer-lhes «não» com firmeza.

Solenidades como esta, que mostram a nossa capacidade de fazer, devem servir-nos de estímulo para vencer mais essa etapa difícil. Há mais de quarenta anos, um adolescente de Juiz de Fora ia as ruas, com seus companheiros de ginásio, para dizer que no Brasil havia petróleo, e que o petróleo era nosso. Como é gratificante ao coração daquele adolescente, hoje exercendo a mais alta magistratura do País, verificar o quanto fizemos nestas quatro décadas! Estávamos certos, quando dizíamos que havia petróleo em nosso chão, e estávamos certos quando dizíamos que éramos capazes de extraí-lo e refiná-lo, com nossa inteligência e o nosso suor.

Congratulo-me com os trabalhadores, engenheiros e diretores da Petrobrás. E me congratulo com o bravo povo do Rio Grande do Sul, que marcou, com o aço e o sangue, estas fronteiras da Pátria.

Muito obrigado.